

DOIS DEDOS DE PROSA

Nº112 Recife|PE Setembro|2025

Prosa de Interesse As mudanças climáticas e a produção de alimentos no Brasil

Saiba mais nas páginas 4 e 5



Caatinga Climate
Week - A floresta do
Semiárido na pauta
da cúpula dos povos
e da COP 30

Página 3



CBA no semiárido,
porque aqui o povo
resiste, a vida pulsa e
a agroecologia floresce!

Página 6



Quintais da Soberania
Saberes das mulheres
da Agroecologia

Página 7

Esta edição chega anunciando e relatando eventos, ações e políticas públicas que visam promover a Agroecologia no campo e na cidade. O Semiárido pernambucano, recebe o CAATINGA CLIMATE WEEK, evento que irá colocar o bioma na agenda pública de setores governamentais e da sociedade civil organizada e na pauta do clima, em ano do COP 30, no Brasil. É na região que a ASA anuncia a construção de mais de 50 mil novas tecnologias sociais para famílias agricultoras. A prosa de destaque é o artigo que aborda os impactos na produção de alimentos com as mudanças climáticas, em especial no Semiárido brasileiro. E é neste lugar de resistência que, pela primeira vez, irá sediar o Congresso Brasileiro de Agroecologia.

E novas ações chegam com os Quintais da Soberania para fortalecer as mulheres do campo e da cidade dos estados de Pernambuco e do Ceará, uma parceria nossa com o Cetra. E ainda contamos com jovens do campo e da cidade que participaram do 2º Encontro Nacional de Agricultura Urbana, o ENAU, com direito a premiação recebida pela Horta Popular Agroecológica Dândara.

Não perde esta prosa...

Rosa Sampaio,
jornalista do Centro Sabiá

Expediente:

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE - CEP: 50.100.150 - Fone: (81) 3223.7026 e (81) 3223.3323 - Email: sabia@centrosabia.org.br - Site: www.centrosabia.org.br - DIRETORIA - Presidenta: Maria Verônica de Santana. Vice-presidenta: Sônia Lúcia Lucena Sousa de Andrade. Secretário: Tone Cristiano Feliciano da Silva. Conselho Fiscal: Alaide Martins dos Santos, Iovete Lidia Vieira e Marilene Nascimento Melo. COORDENAÇÃO GERAL: Maria Cristina Aureliano de Melo Ramos; COORDENAÇÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA: Anífera Almeida; COORDENAÇÃO DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL: Carlos Magno Moraes. EQUIPE TÉCNICA NOS TERRITÓRIOS: Antônio Júnior, Edgar Caliento, Gabriel Hirata, Helenilson de Souza, Iris Maria Silva, Janaína Ferraz, Juliana Peixoto, Maria Edineide, Nicléia Nogueira, Orlando Santana, Rivaneide Almeida, Simone Arimatéia, Valquíria Florencio e Wellington Gouveia. EQUIPE ADMINISTRATIVO FINANCEIRA: Demetrius Falcão, Elivânia Leal, Iran Severino, Ivanildo Júnior, Jullyana Lucena, Natália Porfírio e Pedro Eugênio. NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO: Carol Barreto, Darlton Silva, João Lucas França e Rosa Sampaio. O Trabalho do Centro Sabiá recebe apoio das seguintes organizações: Terre des Hommes Schweiz, Cáritas Alemanha, PNUD, Both Ends, Gás Verde, Programa Cisternas e Programa Nacional de Agricultura Urbana/Ministério do Desenvolvimento, Assistência Social, Família e Combate à Fome/Governo Federal, Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural/Ministério do Desenvolvimento Agrário/Governo Federal (ANATER/MDA), Serviço Florestal Brasileiro/Ministério do Meio Ambiente Mudança Climática/Governo Federal (SFB/MMA). EDIÇÃO: Rosa Sampaio (DRT/PE3510) - PROJETO GRÁFICO: Kelen Linck. DIAGRAMAÇÃO: Carol Barreto. IMPRESSÃO: Provisual Gráfica e Editora Ltda. TIRAGEM: 1000 (hum mil) exemplares.

Apoio: **terre des hommes schweiz** Oportunidades para Jovens

Redes e articulações:



Centro Sabiá e ISA colocam o bioma Caatinga na agenda da COP 30

Por Rosa Sampaio

jornalista do Centro Sabiá



Arthur de Souza

Dos dias 1 a 4 de outubro de 2025, o Semiárido pernambucano foi cenário da Semana do Clima da Caatinga, a Caatinga Climate Week, evento- inspirado em semanas do clima como a de Nova Iorque, realizado pelo Centro Sabiá e pelo Instituto Socioambiental (ISA), que teve por objetivo colocar o bioma na agenda climática global.

Foram mais de 400 km percorrido, em sete municípios, e cerca de 500 participantes, que se dividiram em plenárias e visitas à experiências. Pesquisadores, representantes governamentais e da sociedade civil, ativistas e comunicadores conheceram as experiências de convivência com o Semiárido e as demandas e desafios de

agricultoras e agricultores familiares, indígenas e quilombolas da região.

O primeiro dia do evento contou com a participação das enviadas da COP, Janja Lula da Silva (Mulheres), Jurema Werneck (Igualdade Racial e Periferias) e Denise Dora (Direitos Humanos e Transição Justa), que juntamente com o ministro da Secretaria - Geral da Presidência da República, Márcio Macedo e do coordenador de Mobilização Social do Centro Sabiá, Carlos Magno de Moraes, participaram de um entrevista coletiva. A comitiva visitou a experiência da Associação de Mulheres da Agricultura Familiar do Sítio Carneirinho e realizaram a Plenária Vozes do Biomas Rumo a COP 30, iniciativa que

integra o ciclo de escutas nacionais preparatórias para a Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas a ser realizada em Belém (PA), de 10 a 21 de novembro.

Histórias de resistência, seja em Caruaru, no reencontro de mulheres com a agricultura, no Sítio Carneirinho, no impacto da crise climática na produção de raízes no Serrote do Bois, ou em Vertentes, nas tecnologias sociais de convivência com o Semiárido como soluções de adaptação climática, no Sítio Caruá.

O debate da transição energética justa se fez presente na visita a Escola dos Ventos, iniciativa de agricultores/as e pesquisadores, no município de Caetés, para enfrentar os grandes empreendimentos de energia eólica na região. Em Jucati, a rede das trocas de sementes e de saberes entre agricultores familiares, organizações sociais e técnicos rurais, se articula para defender a continuidade das sementes crioulas. A luta por justiça climática, por meio de quintais produtivos de alimentos, das mulheres dos quilombos Estivas e Castainho, em Guaranhuns e a pedagogia do encantamento para regenerar a Caatinga do povo Xukuru de Ororubá, em Pesqueira.

A plenária final reuniu representações indígenas e quilombolas no Parque Nacional Vale do Catimbau, em Buíque, no sábado (4/10). Entre rituais e falas potentes, os povos da Caatinga fecharam o evento entre um misto de denúncias e celebrações que abraçaram as lutas e resistência do Semiárido brasileiro.

O presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva enviou vídeo, que foi exibido na plenária final, onde ressaltou a importância do Bioma, “relevante centro de tecnologias sociais e de soluções para o enfrentamento à crise climática.”



As mudanças climáticas e os impactos na produção de alimentos

Por Maria Cristina Aureliano

coordenadora Geral do Centro Sabiá



Ana Mendes / Acervo Centro Sabiá

Quando falamos sobre mudanças climáticas de impactos diretos na vida de quem mora no campo e na cidade. São eventos extremos como períodos de secas muito longas e intensas, redução no volume de chuvas, ou falta de época e muita chuva em pouco tempo, causando inundações, quedas de barreiras e mortes. Há pelo menos 30 anos esses fenômenos se tornaram frequentes.

Em 2000, 2010, 2017, 2022, aconteceram grandes inundações na Zona da Mata pernambu-

cana com prejuízos, em especial para as famílias agricultoras que produziam hortaliças. As que foram menos impactadas, e conseguiram se recuperar mais rapidamente após as enchentes, foram aquelas que trabalhavam com a agricultura agroflorestal. As agroflorestas trouxeram resiliência para os sistemas de produção e funcionaram como uma estratégia de adaptação climática. As famílias agricultoras que tinham sistemas de produção baseado em hortaliças, perderam tudo. E não só elas foram afetadas, mas

também os consumidores, no abastecimento e no preço dos alimentos.

Nas regiões semiáridas do estado vários alimentos tiveram sua produção diminuída ou seriamente prejudicada pelas mudanças no regime das chuvas. Como as culturas do café em Garanhuns, da beterraba em Jataúba e da cenoura em Brejo da Madre de Deus, referências na produção desses alimentos nos anos 1990. Cientistas alertam que a mandioca/macaxeira pode ter sua produção severamente afetada no Nordeste, pelo aumento da temperatura.



Ana Mendes / Acervo Centro Sabiá

Apesar dos desafios, agricultores e agricultoras familiares camponeses vêm desenvolvendo soluções eficazes de convivência com o clima semiárido. Um dos principais exemplos é o uso de tecnologias sociais voltadas para o armazenamento de água, sementes e forragem, promovidas pela Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA), rede com 25 anos de atuação. Essa experiência se consolidou como uma referência internacional em adaptação climática, aliando produção agroecológica, recuperação de solos e combate à desertificação.

Em 2013, essas tecnologias foram reconhecidas e transformadas em política pública por meio da criação do Programa Cisternas (Lei 12.873/13), que visa universalizar o acesso à água no Semiárido. Durante a seca entre 2012 e 2017 — considerada uma das mais severas em meio

século —, a adoção dessas inovações evitou mortes por sede, doenças e saques, como os que ocorreram nas décadas anteriores. O impacto foi potencializado por políticas sociais complementares, como o Bolsa Família, o aumento do salário mínimo, a aposentadoria rural, a Assessoria Técnica (ATER) e o Seguro Safra.

Outra tecnologia, que se soma às de armazenamento de água da chuva, são as de reuso de águas domésticas na agricultura. Diversas organizações da ASA, entre elas o Centro Sabiá e a ONG Caatinga, estão experimentando adequações deste modelo com foco na produção de alimentos, como o sistema RAC x SAF - Reúso de Águas Cinzas em Sistemas Agroflorestais, e já implantaram mais de 500 unidades no Semiárido pernambucano. Essa tecnologia surgiu como resposta ao desafio de implantar agroflorestas durante o

último período de seca, garantindo uma irrigação de salvação a partir das águas cinzas filtradas. É um modelo que integra saneamento, saúde ambiental e produção de alimentos agroecológicos, com foco na segurança alimentar e na geração de renda, especialmente para mulheres agricultoras.

As soluções encontradas no Semiárido brasileiro mostram que é possível produzir alimentos de forma saudável mesmo em condições adversas. No entanto, para que essas estratégias ganhem escala e eficácia frente à crise climática, é essencial garantir financiamento público adequado e contínuo.



CBA no semiárido, porque aqui o povo resiste, a vida pulsa e a agroecologia floresce!

Por José Nunes

Docente da UFRPE e Presidente da ABAgroecologia.

Acervo Centro Sabiá

A primeira edição do Congresso Brasileiro de Agroecologia foi realizada em 2003, em Porto Alegre/RS. De lá para cá foram doze edições, sendo a última realizada em 2023, no Rio de Janeiro. Para essa 13ª edição, a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), realizadora do evento, decidiu, pela primeira vez, realizar o CBA no Semiárido brasileiro. A partir disso se iniciou uma grande articulação territorial envolvendo universidades, instituições de pesquisa, organizações da sociedade civil e movimentos sociais objetivando dar forma e vida a este encontro.

O resultado é o 13º CBA no Semiárido, de 15 a 18 de outubro de 2025, com o tema **Agroecologia, convivência com os territórios brasileiros e justiça climática**, realizado na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em Juazeiro da Bahia. O encontro espera reunir agricultores/as, pesquisadores/a, estudantes, representações de povos originários e tradicionais, para trocar conhecimentos e, a partir de experiências agroecológicas do Semiárido e das demais regiões do Brasil, defender a agroecologia como uma alternativa que produz alimentos, promovendo vida e saúde no campo, florestas, águas e cidades, e que, por isso, contribui diretamente para a promoção da justiça climática, em contexto de crise ambiental e societária.

Serão quatro dias de atividades, que reúne plenárias identitárias (mulheres, juventudes, comunicação popular, pessoas idosas, etc.); conferências, painéis temáticos, feiras, e, centralmente, muitos debates nos Tapiris. E o



que seria isso? Os Tapiris é o nome que dado aos espaços de apresentação de trabalhos. É uma denominação que herdada do 9º CBA realizado em 2015, em Belém do Pará. Tapiris faz alusão a bárraca, palhoça, onde pescadores/as artesanais, ribeirinhos fazem um pouso, para descanso ou uma simples prosa.

Nos Tapiris dessa 13ª edição do CBA serão apresentados resumos técnicos científicos, relatos de experiências técnicas e relatos de experiências populares. Estes últimos, serão também apresentados no formato de vídeos.

As expressões culturais e artísticas se encontrarão no Festival de Arte e Cultura da Agroecologia, o FACA e no Festival Internacional de Cinema Agroecológico, o FICAECO. Programação regada a arte e cultura que brotam do chão vivo dos territórios de todo Brasil.

Quintais da Soberania Saberes das mulheres da Agroecologia

Por Neila Santos

coordenadora Geral do CETRA*



As mulheres rurais sempre tiveram ao redor de casa a expressão do cuidado com a terra, do cultivo de diversas plantas como frutas, hortaliças e ornamentais, além do manejo de pequenos animais, que em geral servem para alimentar suas famílias, gerando renda não monetária, muitas vezes invisíveis pela economia formal.

As mulheres rurais na agricultura, muitas vezes não têm o seu trabalho valorizado. É a partir da mobilização e articulação por direitos, autonomia financeira e produtiva que a luta das mulheres rurais ganham força e se consolidam em nosso país.

A Marcha das Margaridas - manifestação de mulheres trabalhadoras rurais de todas as regiões do Brasil, que a cada quatro anos marcham em Brasília, é a mais forte mobilização das mulheres rurais na defesa dos direitos sociais, contra as diversas formas de violências dentro e fora de casa, e por políticas e programas específicos para as mulheres. Na última Marcha, de 2023, a pauta de investimento do governo em projetos de fortalecimento dos Quintais Produtivos foi trazida pelas Margaridas. Em agosto de 2023, o Governo Lula assinou o decreto N° 11.642 que instituiu o Programa

Quintais Produtivos para Mulheres Rurais, no âmbito do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) e do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), e através de parceria com Organização da Sociedade Civil (OSC), vem apoiando ações de promoção da autonomia econômica das mulheres rurais, por meio da estruturação de quintais produtivos.

Assim nasce o **Projeto Quintais para a Soberania**, uma parceria do CETRA do Centro Sabiá, que juntos estão atendendo 240 mulheres de diferentes categorias no Ceará e em Pernambuco - assentadas, agricultoras familiares, extrativistas, quilombolas, indígenas, pescadoras, periurbanas, sendo 120 em cada estado. Serão realizadas o fortalecimento da produção dos quintais produtivos, proporcionando acesso à infraestrutura, ferramentas, maquinários e recursos essenciais para a implantação, fortalecimento, manejo e gestão; realização de formações, intercâmbios de experiências; estímulo à comercialização do excedente de alimentos saudáveis, em feiras, mercados públicos e institucionais.

Além disso, será registrado o trabalho das mulheres utilizando as cadernetas agroecológicas que por meio da anotação do que elas produzem e o destino que é dado a esta produção mostra a contribuição do trabalho das mulheres para a alimentação e sustento de suas famílias.

***CETRA:** Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador e à Trabalhadora, organização cearense, parceira do Centro Sabiá em diversas redes e ações.



Por Manuela Fernanda

jovem agricultora urbana da Horta Popular Agroecológica Dandara.

No dia 31 de julho de 2025, a nossa **Horta Popular Agroecológica Dandara** recebeu o Prêmio Agricultura Urbana 2024, na 1ª edição, durante o 2º ENAU – Encontro Nacional de Agricultura Urbana. Para mim, essa conquista é mais do que um troféu. É a prova da força da nossa horta como espaço de resistência, cuidado e transformação. Porque aqui não cultivamos apenas alimentos saudáveis, mas também esperança, inclusão social e produtiva dentro da cidade. Esse reconhecimento nos emociona porque celebra o trabalho coletivo de muitas mãos, reafirma a Agroecologia como caminho de vida e justiça social e fortalece ainda mais a nossa comunidade.

Na **Escola MARIAS**, aprendemos na prática o que é o coletivo, o que é construir juntas, com escuta, afeto e trabalho, foi uma experiência transformadora, que mexeu com meu corpo, minha mente e meu modo de enxergar o mundo. Mais do que aprender técnicas de agroecologia, eu me reconectei com a terra, com a ancestralidade e com outras mulheres que, assim como eu, carregam saberes, histórias e sonhos de transformação. Cada encontro foi um aprendizado incrível, de cuidado com a terra, do cultivo consciente, da alimentação saudável. Assuntos que são de tremenda importância para a resistência das mulheres do campo e da cidade. Orgulho que carrego no coração!

Jovens agricultoras/es no 2º Encontro Nacional de Agricultura Urbana (ENAU)

Por Vitor Pereira

jovem rural e multiplicador da Agroecologia, técnico em Agroecologia, pedagogo e especialista em Educação do Campo

Entre os dias 30 de julho e 2 de agosto de 2025, Recife se tornou o epicentro das discussões sobre agroecologia urbana ao sediar o 2º Encontro Nacional de Agricultura Urbana (ENAU). Com o tema *Cidades que plantam! Agroecologia urbana na luta contra a fome e por justiça climática*, o evento reuniu mais de 300 participantes de todo o Brasil, promovendo uma rica troca de experiências, fortalecimento de redes e debates sobre o futuro da agricultura nas áreas urbanas e periurbanas.

O ENAU foi realizado em dois locais estratégicos do Recife, no Instituto Aggeu Magalhães, da Fiocruz Pernambuco, e na Praça da Várzea. O Instituto Aggeu Magalhães sediou atividades exclusivas para os inscritos, enquanto a Praça da Várzea foi um ponto de encontro aberto ao público, onde aconteceu a Feira de Sabores e Saberes. Expositores de diversas regiões do país apresentaram produtos, sementes, mudas e promoveram uma ampla troca de conhecimentos, encerrando o evento com uma plenária final e um ato público, que contou também com uma programação cultural.

O encontro destacou a importância da implementação da Política Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana, promovendo a segurança alimentar e a justiça climática. A agricultura urbana foi ressaltada como uma ferramenta essencial para a transformação social e a construção de cidades mais sustentáveis e resilientes às mudanças climáticas.

Como um desdobramento do evento, o Coletivo Nacional de Agricultura Urbana (CNAU) elaborou



Acervo Centro Sabiá

uma carta dirigida ao Governo Federal, com propostas para fortalecer o Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana. Entre as principais sugestões estão a ampliação da participação de diversos ministérios nas políticas públicas voltadas à agricultura urbana, a criação de mecanismos de apoio às periferias, e o fortalecimento das redes populares e organizações da sociedade civil, com prêmios, editais e financiamentos. O evento também incluiu visitas a hortas comunitárias e espaços comunitários na Região Metropolitana do Recife, proporcionando uma vivência prática das ações em andamento nas comunidades.

O 2º ENAU também reafirmou o compromisso com a luta contra a fome e pela justiça social, alimentar e climática. O evento ocorreu em uma semana emblemática, com a notícia de que o Brasil foi oficialmente retirado do Mapa da Fome da ONU, destacando o papel fundamental da agroecologia urbana nesse processo. O ENAU 2025 deixou claro que as cidades que plantam têm um papel crucial na construção de um futuro mais equitativo e resiliente.



O jornal Dois Dedos de Prosa também está disponível para leitura na versão mobile. Baixe agora em nosso site: www.centrosabia.org.br

